

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Cinemateca com o IndieLisboa – Director’s Cut
7 e 9 de Maio de 2026

REGARDE, ELLE A LES YEUX GRANDS OUVERTS / 1980

um filme de Yann Le Masson e do coletivo de mulheres do MLAC

Realização: Yann Le Masson e coletivo de mulheres do MLAC / Produção: Les Films Grain de Sable (França, 1980) / Produtor: Yann Le Masson / Duração: 117 min (versão longa / versão curta: 77 minutos) / Cópia: Cinémathèque de Toulouse, em DCP (suportes originais 16mm e 35mm), cor, falada em francês, legendada em inglês e electronicamente em português / Primeira exibição desta versão longa fora de França / Primeira apresentação na Cinemateca.

Rodado ao longo de mais de cinco anos, este é um documentário feito com um grupo de mulheres de Aix-en-Provence, pertencentes ao MLAC (Mouvement pour la liberté de l’avortement et de la contraception), um coletivo que organizava abortos clandestinos em França em meados dos anos setenta, mas também partos, realizados sempre de forma comunitária. Por isso, mesmo após a promulgação da lei que despenalizou o aborto em França, em Janeiro de 1975, seis destas mulheres foram julgadas em tribunal pela continuação da sua atividade. É nesse tribunal que começa o filme, num julgamento que tem lugar em 1977, em que várias mulheres, entre as quais uma mulher grávida, são acusadas de tentativa de aborto e de prática ilegal de medicina, seguindo-se a sequência de um parto, em que participam muitas mulheres ajudadas por outras mulheres, num espírito comunitário sem igual, como tão bem nos devolvem as imagens, que filmam uma multidão a assistir a momentos únicos. A magia da vida impregna aqui o cinema de magia e de sensações que é difícil verbalizar.

Como escreveu Éva Tournant a propósito do filme: “se uma mulher recuperar o poder de dar à luz, vai revolucionar tudo.” É essa a crença das mulheres retratadas que decidiram contar a sua história. **Regarde, elle a les yeux grands ouverts** começa com um parto e termina com outro. Dois dos partos mais impressionantes da história do cinema, filmados de frente e sem filtros (pensamos em vários outros, mas aqui impera o plano sequência), muito particularmente o segundo, por motivos que não vamos revelar. Pelo meio, há vários abortos realizados clandestinamente, a prática que está na origem do filme, cenas do quotidiano e o julgamento daqueles que os realizaram. Aqui as “personagens” circulam: aquelas que realizam os abortos são também mulheres que já abortaram às mãos destas mulheres, e as mulheres que ajudam aquelas que dão à luz são também as mesmas que colaboraram com todas as outras. A câmara é empunhada por Yann Le Masson, que filma os corpos, os rostos, os olhares, os esgares, de um modo extremamente próximo e cúmplice com aquilo que é filmado, numa manifestação de profunda intimidade.

O que sobressai é o espírito coletivo, como se faz questão de dizer no final do filme. Mas não só é filmado o coletivo, como é esse mesmo coletivo que está por detrás do filme. Foi ele que decidiu contar a sua história num momento fulcral para a sua sobrevivência, e foi o coletivo do MLAC que decidiu convocar Yann Le Masson (1930-2012), conhecido na época pela realização de **Kashima Paradise**. O seu nome estará ainda associado ao seu trabalho de

operador de câmara e director de fotografia, trabalho que desenvolveu entre 1955 e 1993, destacando-se filmes de realizadores como Chris Marker ou William Klein. Masson desenvolveu estas duas facetas da sua obra em paralelo e em 1975 juntou-se a Les Films Grain de Sable, um grupo de produção militante que produz este filme. A sua obra como documentarista prosseguiu um desejo de usar o cinema para lutar contra as guerras coloniais e todas as formas de injustiça, depois de ter sido mobilizado para a guerra da Argélia entre 1955 e 1958, um desejo comum a tantos jovens franceses que depois iriam participar no Maio de 1968. O colectivo MLAC, por seu lado, foi um movimento francês que lutou pela despenalização do aborto desde 1973. O que se relata no filme é como vários destes grupos do MLAC continuaram a promover e a praticar partos em casa e abortos não autorizados. Neste caso, tratava-se de um grupo de mulheres de Aix-en-Provence, que nos contam a sua história vivida entre 1975 e 1980, prolongando as duas práticas comunitárias.

A produção durou cerca de cinco anos. As mulheres escreveram as suas histórias e reencenaram-nas para a câmara. São as protagonistas das suas vidas e de um filme que as conta. Falam-nos de luta e da emancipação através de uma tomada de consciência dos seus corpos. Como explicitava Gaëlle Rillard na introdução a uma entrevista a duas das mulheres do colectivo, Nicolle Grand e Jean-Paul Bastide para a *La Revue Documentaires*, nº29 – “Le film comme forme de vie ?” “Entre outros activistas do MLAC (em Aix-en-Provence, nutriram o desejo de um filme colectivo entre 1976 e 1980, contactando Yann Le Masson, um realizador, que apoiou a produção do projecto e participou nas decisões de realização e montagem. **Regarde, elle a les yeux grands ouverts** não é um filme sobre o aborto: é um filme que liga o aborto à capacidade de tomar uma decisão pessoal - logo, à emancipação, à autonomia e à liberdade - às condições que fazem do parto uma experiência plenamente escolhida.” E é esse desejo de uma experiência eminentemente colectiva e de uma vida em comum que é explicitada no final de um filme com momentos de rara beleza e poesia, que correspondem aos princípios mais elementares de vida. Como também dizia Torrent, a beleza e a poesia de determinados momentos do filme só são comparáveis à sua força política. **Regarde, elle a les yeux grands ouverts** é apresentado, pela primeira vez fora de França numa nova cópia digital restaurada que repõe a versão longa do filme.

Joana Ascensão